



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE  
CENTRO EDUCAÇÃO-CEDUC  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**JESSIKA SONALLY CABRAL DE ALMEIDA**

**O FAZER, O FRUIR E CONTEXTUALIZAR NA PRÁTICA, UM ESTUDO DE CASO  
BASEADO NA PROPOSTA TRIANGULAR DE ANA MAE BARBOSA**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2022**

JESSIKA SONALLY CABRAL DE ALMEIDA

**O FAZER, O FRUIR E CONTEXTUALIZAR NA PRÁTICA, UM ESTUDO DE CASO BASEADO NA PROPOSTA TRIANGULAR DE ANA MAE BARBOSA**

Monografia de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

**Área de concentração:** Desenvolvimento e Aprendizagem

**Orientador:** Prof. Mestrando Diego de Lima Santos Silva

**CAMPINA GRANDE-PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447f Almeida, Jessika Sonally Cabral de.  
O fazer, o fruir e o contextualizar [manuscrito] : um estudo de caso baseado na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa / Jessika Sonally Cabral de Almeida. - 2022.  
54 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Me. Diêgo de Lima Santos Silva ,  
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Arte. 2. Educação. 3. Ensino de arte. 4. Abordagem triangular. I. Título

21. ed. CDD 372.5

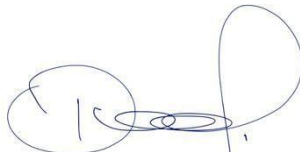
JESSIKA SONALLY CABRAL DE ALMEIDA

**O FAZER, O FRUIR E CONTEXTUALIZAR NA PRÁTICA, UM ESTUDO DE CASO  
BASEADO NA PROPOSTA TRIANGULAR DE ANA MAE BARBOSA**

Monografia de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de licenciada  
em Pedagogia.

Aprovada em: 01/12/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



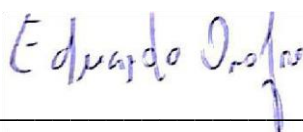
---

Prof. Mestrando. Diêgo de Lima Santos Silva (Orientador) Universidade  
Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Paula Almeida de Castro (1º Membro examinador) Universidade  
Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre (2º Membro examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Meu esposo Emílio, que me inspira e me  
guia no caminho das eternas  
possibilidades que a educação conduz.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos. Aos meus pais Cacia e Josinaldo, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho. Aos professores, principalmente ao professor Diêgo, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado. As minhas amigas de curso com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formanda. À Lilian Batista, professora do 2º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Joselita Brasileiro, localizada na Vila Cabral na cidade de Campina Grande - PB, que me auxiliou e cooperou nas minhas aulas de Estágio de Regência e à instituição de ensino UEPB, essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

## RESUMO

A Arte pode ser considerada um meio que encontramos para nos expressar e emocionar, seja ela de cunho político-social cultural, de caráter sensível, onde nos leva ao nosso íntimo ou um meio de revolucionar e gerar uma estranheza ao primeiro contato. Mas uma coisa é certa, a Arte sempre tem uma finalidade. Ninguém senta e faz uma música por nada ou pinta uma tela que não lhe traga significado algum; por vezes, a Arte diz o que os nossos lábios não conseguem proferir; seria uma dicotomia, ela começa quando não temos muito a dizer, porém também dá suporte quando temos tanto a expressar. Por este modo a Arte-Educação se faz tão relevante quando se trata das crianças, principalmente em sala de aula. Arte essa, que antigamente não era feita para elas, logo, só após uma renovação da educação brasileira, que teve um grande nome junto a esse movimento, Anísio Teixeira, que levou o artista Augusto Rodrigues a criar a Escolinha de Arte do Brasil, em 1948, no Estado do Rio de Janeiro, onde a criança podia pintar e desenhar livremente. Em suma, este trabalho tem por objetivo apresentar o conceito, o ensino; a percepção da Arte ao longo dos tempos, bem como explicar a Abordagem de Ana Mae Barbosa quanto a Proposta Triangular no quesito ensino-aprendizagem e analisar um estudo de caso embasado nesta proposta em sala de aula. A elaboração deste trabalho está apoiada nos estudos de Artes de Ana Mae Barbosa (1980) e a influência de Paulo Freire em seus estudos.

**Palavras-chaves:** Arte-Educação; Ana Mae Barbosa; Abordagem Triangular.

## **ABSTRACT**

Art has always been a way that we find to express and move ourselves, sometimes through its political, social or cultural nature, sometimes through a more sensitive manner, where it takes us to our inner core or a means of revolutionizing and making strange a first impression. But one thing is certain, Art always has a purpose. Nobody sits down and makes a song for no reason or paints a canvas with no meaning. Sometimes Art expresses what our lips are unable to utter; it is dichotomic: it starts when we do not have much to say, but it also assists us when we have a lot to express. Therefore, Art Education becomes so relevant when it comes to children, especially in the classroom. Such art, which, in the past, was not made for them, soon after a revolution in the Brazilian education engendered by Anísio Teixeira, who led the artist Augusto Rodrigues to create the *Escolinha de Arte do Brasil* [Brazilian Little School of Arts], in 1948, in the state of Rio de Janeiro, where children could paint and draw freely. In short, this work aims at presenting the concept, the teaching and the perception of Art through time, as well as explaining Ana Mae Barbosa's approach to the Triangular Proposal in terms of teaching-learning; as well as analyzing a case study based on this proposal in the classroom. The elaboration of this work is based on the studies of Arts by Ana Mae Barbosa (1980) and the influence of Paulo Freire in her studies.

**Keywords:** Art Education; Ana Mae Barbosa, Triangular Approach.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Bisão de Altamira .....	13
Figura 2 Vênus de Willendorf .....	14
Figura 3 Pinturas simbólicas do parque .....	14
Figura 4: O círculo de pedra de Stonehenge.....	15
Figura 5 Pintura rupestre nas cavernas de Tassili n'Ajjer, na Argélia.....	16
Figura 6 Escultura neolítica de bronze encontrada na Sardenha. Museu Pigorini. Roma .....	16
Figura 7 A virgem de anunciação.....	17
<i>Figura 8 A escola de Atenas, Obra prima de Rafael Sanzio .....</i>	<i>18</i>
Figura 9 Mona Lisa. Obra prima de Picasso .....	18
Figura 10 Jacqueline de mãos cruzadas, obra prima de Picasso .....	19
Figura 11 Triângulo caracterização a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa	33
Figura 12 Escolinha de Artes do Recife .....	36
Figura 13 Paulo Freire participa da Semana de Arte e Ensino, realizada no Departamento de Artes Plásticas (CAP) em 1980. Ao seu lado, a professora Ana Mae Barbosa.....	37
Figura 14 Paulo Freire (à esquerda) e Ana Mae Barbosa (à direita).....	38
Figura 15 Arista Romero Britto .....	42
Figura 16 O Peixe (esquerda), O Urso (centro) e Corações (direita) .....	43
Figura 17 Criança respondendo aos questionamentos .....	44
Figura 18 A Flor (esquerda), A Borboleta (centro) e O Gato (direita) .....	45

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EA	Escolinhas de Artes
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 O SURGIMENTO DA ARTE.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 A sua chegada ao Brasil .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 O ensino da Artes no Brasil .....</b>	<b>22</b>
<b>3 ARTE NO ENSINO INFANTIL SEGUNDO A BNCC .....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 A sala de aula como espaço criativo .....</b>	<b>27</b>
<b>4 A PROPOSTA TRIANGULAR .....</b>	<b>32</b>
<b>4.1 A influência de Paulo Freire nos estudos de Ana Mae .....</b>	<b>35</b>
<b>5 METODOLOGIA .....</b>	<b>39</b>
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>41</b>
<b>6.1 O Relato da Aplicação da Abordagem de Ana Mae Barbosa .....</b>	<b>41</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Arte sempre foi um meio que encontramos para nos expressar e emocionar, seja ela de cunho político-social cultural, de caráter sensível, onde nos leva ao nosso íntimo ou um meio de revolucionar e gerar uma certa estranheza ao primeiro contato. A Arte sempre tem uma finalidade. Ninguém senta e faz uma música por nada ou pinta uma tela que não lhe traga significado algum; por vezes, a Arte diz o que os nossos lábios não conseguem proferir, ela seria uma dicotomia, começa quando não temos muito a dizer, porém, também, ela reverbera quando temos muito a elucidar. Não há vida sem arte. Logo, podemos nos questionar: Há arte para a infância?

Algo que ao longo dos tempos não era feito para os olhos e ouvidos dos pequenos, pelo simples e pretensioso pensamento de achar que elas não seriam capazes de contemplá-la e gerar nelas o mesmo impacto que provoca em nós adultos. A Arte gera revolução! Revolução esta que foi proibida nos anos sombrios da Idade Média e nos obscuros atos da ditadura. Por que a Arte deveria ser só procedimento de pintar uma folha de A4 já com o desenho e linhas pré-estabelecidas? Fato este que ocorria nas escolas nos anos 70. Onde estava a autonomia da criança? Seguidora de Piaget, Kamii (1990), afirma: “A essência da autonomia é que as crianças se tornam capazes de tomar decisões por elas mesmas.” Sabendo da capacidade de criação e ludicidade das crianças, onde está a arte na infância? Ela está no espaço? Nos materiais? No desenho? No corpo ou na natureza? Me permito dizer que ela está absolutamente em tudo o que lhes rodeiam.

Pensando justamente na autonomia e criatividade do indivíduo, independente da faixa etária onde se encontra. Paulo Freire (2008) pontua:

*“Educamos para autonomia, integração social e apropriação de saberes.”* E, influenciada pelos estudos do Patrono, vamos analisar e compreender mais sobre a Proposta da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, onde é representada por um triângulo, onde as três pontas, tidas como eixos, são descritos como: leitura de imagem, reflexão ou contextualização e produção ou fazer artístico. Desse modo, a autora compreende a Arte como um processo de conhecimento de mundo, cultura e ideologias políticas-sociais, sendo mediada pelo professor ou professora em sala de aula.

O presente trabalho tem por objetivo geral discutir a importância da Proposta Triangular no desenvolvimento da aprendizagem; como a imersão na arte muda a perspectiva de uma criança e analisar o estudo de caso proposto de acordo com a Abordagem Triangular na Escola Municipal de Ensino Fundamental Joselita Brasileiro localizada na cidade de Campina Grande - PB no ano de 2022.

## 2 O SURGIMENTO DA ARTE

Ao longo da história das civilizações podemos pontuar as constantes mudanças ocorridas na questão tempo-espço, mudanças essas que são observadas na forma de se vestir, de se alimentar, de cuidar uns dos outros ou na produção de diversos tipos de instrumentos, como também na forma de se expressar e de visão de mundo. Uma coisa é fato, o homem em toda sua vivência a partir de sua curiosidade sempre procurou produzir/conhecer algo, e com a arte não foi diferente.

Produto da criação do homem, atravessando os tempos, criando e recriando histórias, a arte é o reflexo da cultura de uma sociedade, e nela está a essência dos sentimentos e pensamentos do ser.

A arte é muitas coisas. Uma das coisas que a arte é, parece, é uma transformação simbólica do mundo. Quer dizer: o artista criou o mundo outro – mais bonito ou mais intenso ou mais significativo, ou mais ordenado – por cima da realidade imediata [...] Naturalmente, esse mundo do outro que o artista cria ou inventa nasce de sua cultura, de sua experiência de vida, das ideias que ele tem na cabeça, enfim, de sua visão do mundo [...] (GULLAR apud FERREIRA, 2011,p.61).

De origem do latim *ars*, Artes significa “técnica”, “habilidade natural ou adquirida” ou “capacidade de fazer alguma coisa”. São por essas manifestações de saberes e técnicas que é possível distinguir as diferenças ou reconhecer as semelhanças entre povos distintos de diferentes culturas e épocas, onde por diversas vezes essas habilidades expressam questões inerentes das sociedades tais como dilemas sociais e políticos, questões emocionais como sonhos, medos, alegrias, ou para marcar fatos culturais particulares relevantes, com isso, podemos compreender que a arte não se resume apenas ao que é belo, contemplativo ou harmônico. Como certifica

Ferreira (2011, p.67):

O artista, através de sua obra de arte autêntica, pode protestar contra as barbáries do mundo, transformando a submissão em ato de luta, buscando resgatar a dignidade humana, o ser humano pleno, rumo a uma sociedade melhor, mais justa e mais democrática, onde todos possam ter acesso aos bens culturais de consumo e ao lazer.

Os primeiros registros de arte/cultura de uma sociedade foram encontrados principalmente em cavernas nos continentes africano, asiático e europeu após

escavações arqueológicas realizadas no século XX por historiadores e antropólogos datados no período da Pré-História, mais precisamente no Paleolítico, conhecido como a Idade da Pedra Lascada, cerca de 12 mil anos atrás.

A arte nesse período foi denominada como Naturalismo, pois era retratada a natureza e tudo aquilo que o indivíduo conseguia observar. Conhecida como pinturas rupestres (do latim *rupes*, "rocha"), as pinturas ou gravuras geralmente representavam animais do cotidiano e eram feitas com os materiais encontrados com maior facilidade na época, tais como o carvão, vegetais, ossos e a tinta geralmente era de sangue dos animais.

Neste período é de conhecimento que a temperatura da Terra era bem inferior comparado aos dias atuais, os homens saíam para caçar e retornavam para a caverna, onde eram seus abrigos; e sem ter noção de que suas pinturas seriam motivos de estudos e transformadas em artes, elas eram feitas de forma que não havia intuito de impor valores estéticos, adornos ou motivos de contemplação. Para eles, suas gravuras eram apenas uma forma de pertencimento ou de relação com a natureza.

*Figura 1 Bisão de Altamira*



Fonte: <http://issocompensa.com/arte/o-bisao-de-altamira-15-000-anos>

Como foi discorrido acima, as primeiras pinturas rupestres foram encontradas, na sua grande maioria, na região europeia, principalmente nas Cavernas de Chauvet (França 1994), Lascaux (França 1994) e Altamira (Espanha 1868), sendo essa última a primeira produção descoberta. E para além das pinturas, esculturas humanas, especialmente femininas, com formas volumosas que remetem à fertilidade e sexualidade da mulher foram descobertas e a mais famosa de todas desse período foi a Vênus de Willendorf.

*Figura 2 Vênus de Willendorf*



Fonte: Lefteris Tsouris/Shutterstock.com.

Aqui no Brasil o grande centro de arte rupestre mais importante das Américas fica na Serra da Capivara, localizada no Piauí. Na vastidão de suas deslumbrantes rochas, cercadas pela vegetação típica do parque, que fica bem na área de transição da caatinga e do cerrado, se encontram mais de 900 sítios arqueológicos, com um total de mais de 30 mil pinturas, os quais testemunham a presença dos primeiros habitantes das Américas.

*Figura 3 Pinturas simbólicas do parque*



Fonte: <https://turismo.ig.com.br>

No período do Neolítico, conhecido como a Idade da Pedra Polida cerca de 12 até 6 mil anos atrás, surge um novo tipo de organização da sociedade e com isso um novo estilo de vida. Diferente da Era passada, em que as produções de utensílios e até a forma de expressar sua cultura era feita de forma robusta ou impolida, agora, os homens aperfeiçoaram suas técnicas e com isso suas produções se tornaram mais eficientes, utilizando cerâmicas como forma de armazenar o excedente agrícola que se tornaram verdadeiras obras de artes neste período, pois nelas eram feitas algumas



pinturas, e também manuseios de pedras polidas para cerimônias religiosas, que se converteram em uma grande habilidade arquitetônica.

Com essa revolução, mudaram sua forma de vida, deixando o nomadismo por uma vivência em um local mais seguro a partir do momento em que eles começaram a desenvolver habilidades na agricultura e na domesticação de animais. Neste ponto ocorreu um grande salto para a história do desenvolvimento homem em sociedade, momento em que a população cresceu de forma considerável, logo cria-se os primeiros núcleos familiares e com isso ocorre divisões de trabalhos dentro das comunidades.

Segundo Janson:

Há, então, uma diferença básica entre o Paleolítico e o Neolítico, embora o homem ainda dependesse da pedra como o material de seus principais utensílios e armas. A nova forma de vida deu origem a um grande número de habilidades e invenções, muito antes do surgimento dos metais: a cerâmica, a tecelagem e a fiação, métodos básicos de construção arquitetônica. Sabemos tudo isso a partir dos povoados do Neolítico que foram revelados por escavações (JANSON; JANSON, 1996, p. 17).

*Figura 4: O círculo de pedra de Stonehenge*



**Fonte:** Janson e Janson (1996,p. 17)

Se pararmos para observar podemos perceber que neste momento o homem começa a ter noção de que é um indivíduo e não apenas algo que só faz parte do biosistema da natureza, e que, de certa forma, agora ele tem o poder sobre ela. É nesta conjuntura em que ele deixa de esperar pela natureza e passa a trabalhar sobre ela, isso revela a capacidade dele de distinguir-se e de apropriar-se da sua individualidade.

Suas conquistas hábeis deram espaço para uma arte mais fiel ao seu cotidiano, com pinturas mais detalhadas, mais coloridas e que poderiam representar algum

movimento do momento em si para dar menção à dinâmica, as ilustrações agora mostravam não apenas um indivíduo, mas sim uma sociedade.

*Figura 5 Pintura rupestre nas cavernas de Tassili n'Ajjer, na Argélia*



**Fonte:** Proença (2009,p. 12)

É denominado como Idade dos Metais, período histórico que se estende desde o milênio IV e I aC. É um dos últimos ciclos da pré-história, fase em que o ser humano descobre e domina a arte de fundir o metal para moldá-lo e fazer objetos de cobre, bronze e ferro. E foi nesse período em que os aglomerados agrícolas se transformaram em cidades.

*Figura 6 Escultura neolítica de bronze encontrada na Sardenha. Museu Pigorini. Roma*



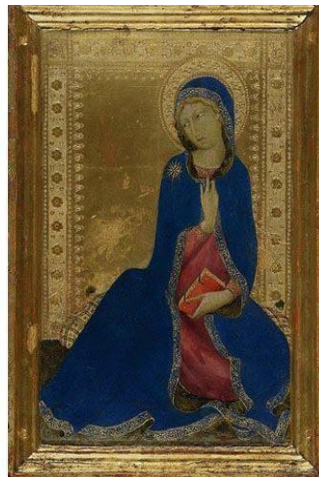
**Fonte:** Proença (2009, p. 13)

Como podemos observar, o homem desde sempre procurou diversas maneiras de expressar suas ideias, sua cultura, suas emoções, fases do cotidiano ou ritos religiosos, mesmo sem ter a consciência de que isso era artes. Eles faziam questão de deixar registrado toda a sua vivência, seja em forma de pinturas, de construção, de esculturas, enfim, o artista poderia se expressar de diversas maneiras, revelando

assim a visão do homem sobre o espaço e sua relação com o meio e seu tempo, ou seja, as suas obras de artes nada mais eram do que uma reflexão da sua cultura com a sua história.

Se pararmos para analisar todos, ou quase todos, movimentos artísticos teremos uma grande lista com seus respectivos nomes e datas, onde teremos a importância relacionada para cada década, inclusive para os dias atuais. Passeando pela linha do tempo da arte pré-histórica onde corriqueiramente eram usados pigmentos naturais e manuseio de pedras para esculturas, agora podemos analisar então a arte medieval. Datada nos anos 500-1400, quando estávamos no auge da famosa Idade das Trevas, fazendo alusão ao impedimento do uso e do desenvolvimento da razão, negando o indivíduo e priorizando a coletividade, e que essa coletividade seja inteiramente voltada para a igreja e seus preceitos. O Teocentrismo. Então é de se saber que não seria diferente com a arte. Quando as primeiras igrejas mais requintadas surgiram, era comum que usassem das artes para adornar suas portas e janelas com temas bíblicos ou cenas mitológicas, logo o que marca essa era foram as artes sacras como podemos observar na imagem abaixo.

*Figura 7A virgem de anunciação*



**Fonte:**<https://pt.artsdot.com/@@/8XZVGZ-Simone-Martini-a-virgem-de-anuncia%C3%A7%C3%A3o>

Como podemos verificar os movimentos são cíclicos, logo, com o passar dos anos surge uma nova proposta que se opõe a Idade das Trevas, sobrevém então a Arte Renascentista (1400-1600). Indo de contra tudo o que a era passada pregava, neste novo movimento vemos o anseio por mudanças, e elas foram drásticas!

O homem agora será o centro de tudo (antropocentrismo), com sua individualidade e sua racionalidade. Movimento artístico, cultural e científico que teve sua base na Itália, mas logo foi se instaurando por toda a Europa, veio trazendo uma nova ideia de artes, ciências, filosofia, política, enfim, um movimento que colocou em xeque tudo o que as pessoas estavam sendo ensinadas sem a possibilidade de indagações. Ela, por fim, rompe toda uma estrutura e dá início à Idade Moderna. Observando a sua arte, temos agora pinturas individuais e coletivas, onde a realidade juntamente com a estética era valorizada, com atenção aos detalhes, criam-se perspectivas trazendo sombreamento, luz e movimento. Arte Renascentista está entre as mais famosas do mundo e seus artistas têm seus nomes reconhecidos até hoje, tais como: Leonardo da Vinci, Michelangelo, Caravaggio, entre outros.

*Figura 8A escola de Atenas, Obra prima de Rafael Sanzio*



Fonte: *Wikimedia Commons.*

*Figura 9Mona Lisa. Obra prima de Picasso*



Fonte: <https://super.abril.com.br/especiais/os-segredos-da-mona-lisa>

Surgiram diversos outros nomes de movimentos artísticos após o Renascentismo. Estes foram: Maneirismo (1527-1580), Barroco (1600-1750), Rococó (1699-1780), Neoclassicismo (1750-1850), Romantismo (1780-1850), Realismo

(1848-1910), Cubismo (1907-1914), Surrealismo (1916-1950), POP ART (1950-1960), Arte Contemporânea (1970- até os dias atuais). O que todos eles têm em comum foram os usos de tintas específicas e a atenção aos detalhes, porém, cada qual com sua técnica, seja de forma realista ou abstrata, seja por traços finos ou pinturas mais robustas, pinturas de pessoas ou objetos. Estátuas que realçam a formosura e traços finos.

Mas uma coisa é fato, o movimento da arte Renascentista abriu caminhos para que esses movimentos se tornassem notórios e que a liberdade da arte fosse estipulada. Tendo em vista que arte e o modo de viver das pessoas, antes desse período, eram regidas pelo Teocentrismo (Deus no centro do Universo), podemos observar a limitação da espontaneidade e a censura do indivíduo, que viviam ainda num sistema feudal e com todas as características de um modo de vida medieval. Com o surgimento do movimento de cunho artístico e científico, o caráter humanista, e o grande aporte foi a descoberta da perspectiva e da profundidade, logo, o plano reto e bidimensional da arte medieval abriu espaço para a imaginação e criatividade do homem, como podemos ver na arte Cubista:

*Figura 10 Jacqueline de mãos cruzadas, obra prima de Picasso*



**Fonte:** [https://www.passeiweb.com/1954\\_retrato\\_jacqueline\\_roq](https://www.passeiweb.com/1954_retrato_jacqueline_roq)

Deixando de lado um pouco da arte europeia, podemos agora apreciar um pouco da arte africana que, infelizmente, se perdeu boa parte de suas obras por conta das intempéries climáticas, sem mencionar a intolerância religiosa por parte de muçumanos e cristãos que ao adentrar suas regiões destruíram parte de sua cultura e acervos. Porém alguns registros foram feitos principalmente de máscaras, mas pouco de esculturas. Máscaras estas que foram até inspirações para as pinturas do

espanhol Pablo Picasso, com pinturas que fazem alusão ao africano. Um grande nome também na arte Cubista, onde aprofundou-se nas figuras e com isso gerou um certo impressionismo na sua época pela capacidade de imaginação e criação.

Até aqui podemos pontuar que a arte sempre fez o papel de expressar os movimentos de cada período, sendo ela a propagação do sentimento seja ele individual ou coletivo, como um rito de passagem de era em era, onde o novo se fazia necessário para acompanhar o desenvolvimento de uma sociedade e seus novos anseios. A arte não é arte por si só, e não anda sozinha, é fato afirmar que elementos culturais tais como a literatura, dança, música se entrelaçam com as pinturas, e tais movimentos são feitos através de protestos, pensamentos filosóficos como o de se questionar e guiar para novas conjunturas, ou seja, ela é um meio para alcançar uma finalidade.

Como na Idade da Pedra, a importância da arte era de sobrevivência, as pinturas serviam como um alerta, retratavam animais que habitavam no local, o manuseio de pedras para uso nas caças. Na Idade Média, onde a maior parte da população eram analfabetos, a arte teve sua finalidade de transferir os conhecimentos bíblicos e os preceitos da Igreja. Já na Grécia Antiga a arte tinha como função mostrar o belo, através de suas pinturas realista e suas esculturas de grande fineza. Na África, exaltavam suas máscaras para ritos religiosos, para embates ou como forma de embelezamento, como exemplo das pinturas indígenas que também serviam e servem para camuflagem, preparação para a guerra, determinação de posição social, casamentos ou apenas para enfeitar-se. A arte sempre tem uma finalidade!

A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente. Ernst Ficher.

## **2.1 A sua chegada ao Brasil**

Mas como esse conceito de Arte chega ao Brasil?

Como mencionado anteriormente, no Brasil, antes da colonização, já se tinha vestígios de artes rupestres, essas encontradas no estado de Piauí, e artes indígenas, que são diversas pelo fato da variedade de grupos indígenas espalhados pelo país, porém, com a chegada dos Portugueses nas terras brasileiras, tudo mudou, principalmente quando a família real portuguesa veio se instalar no país. Trazendo o

conceito de aculturação, onde ocorre uma modificação cultural seja ela de um indivíduo ou do povo em geral.

E logo após a chegada de Pedro Álvares Cabral, Portugal tomou posse das terras e fez delas sua colônia, e tão breve o Brasil foi influenciado não só pelos portugueses, mas por diversas nações, principalmente a Holanda, da qual teve grande influência no Estado de Pernambuco por quase 25 anos e com isso trouxeram com eles sua cultura, e seus artistas. E vale a pena ressaltar que os africanos, que foram trazidos ao Brasil como escravos, também influenciaram muito a cultura popular brasileira, bem como seus gêneros musicais tais como o Lundu que deu a base rítmica da bossa nova, os instrumentos como atabaque, tambor. Logo, podemos observar a diversidade de culturas e artes que invadiram o Brasil, logo a aculturação era feita até de modo natural, no dia a dia com o convívio desses novos povos em nossas terras.

Com a vinda da família real portuguesa ao Brasil mudou a história da Arte do nosso país. A Corte se fixou no Rio de Janeiro. Durante o século XIX, o Rio de Janeiro foi a capital, tanto política como cultural, do império português. O rei D. João governou o Brasil até 1822 e criou vários órgãos, dentre eles a Academia Real de Belas Artes, que se tornou a primeira instituição brasileira dedicada ao ensino da Arte. Em 1816, veio ao Brasil a Missão Artística Francesa – um grupo de artistas franceses. A missão trazia, entre outros artistas, Jean-Baptiste Debret, Nicolas-Antoine Taunay, Félix-Émile Taunay, Auguste Taunay e Le Breton. Esses artistas buscavam retratar o cotidiano da colônia de forma romântica ao idealizar a figura do indígena e ressaltar o nacionalismo e as paisagens naturais. Pintaram retratos da família real e imagens dos indígenas. Jean-Baptiste Debret (1768-1848), denominado “a alma da Missão Francesa”, retratou os costumes brasileiros. Desenhista, aquarelista, pintor cenográfico, decorador e professor de pintura, ele organizou a primeira exposição de Arte no Brasil, em 1829. A Missão Artística Francesa foi contratada por D. João VI para instituir o ensino oficial das Artes no Brasil.

A chegada da Missão Artística Francesa ao Brasil deu início ao neoclassicismo – movimento que defende o retorno aos ideais clássicos. O neoclassicismo passou a ser ensinado de forma acadêmica na Academia Real de Belas Artes.

A Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922, foi o marco inicial do Modernismo no Brasil: influenciou principalmente a Literatura e as Artes Visuais. A



Semana de Arte Moderna ocorreu em São Paulo. Foi uma reunião de artistas e intelectuais. Esses artistas brasileiros, adeptos das estéticas modernistas, apresentaram-se no Teatro Municipal de São Paulo. No saguão do teatro, aberto durante toda a semana, houve a exposição de artes plásticas de obras de Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Victor Brecheret e outros artistas.

Na Literatura, houve a participação de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Ronald de Carvalho, Graça Aranha, Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia e Paulo Prado. A mudança mais radical na arte brasileira veio no início do século XX, com a Semana de Arte Moderna. Realizada em 1922, em São Paulo, os eventos que a sucederam foram responsáveis por trazer uma nova leva de estilos artísticos.

O dadaísmo, o cubismo, o surrealismo e outras correntes modernas inspiraram artistas como Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Vicente de Rêgo; suas obras icônicas são as mais lembradas hoje em dia. Os organizadores da Semana de Arte Moderna lançaram um manifesto modernista. Este defendia a liberdade de expressão e a adoção das “mais modernas formas de expressão do estrangeiro”.

O objetivo não era copiá-las, e sim, recriá-las de maneira própria. Essa expressão artística brasileira conteria elementos diferentes – característicos das diversas regiões, ambientes e épocas do Brasil – tanto o rural como o urbano, tanto o antigo como o moderno. Após a Semana de Arte Moderna, vários artistas passaram a desenvolver um estilo próprio de pintura, que passou a ser mais valorizado no Brasil.

## 2.2 O ensino da Artes no Brasil

Mas onde fica o ensino da Arte no Brasil?

A preocupação com o ensino da arte no Brasil começou na era industrial que tomou conta do país no final do século XIX, as mudanças ocorridas no quesito político-social tornaram a preparação para o trabalho como o objetivo principal dos políticos e dos intelectuais que tentavam reformular e organizar a educação no País. *“A educação durante os anos 30, quando outra crise político-social, mudança de oligarquia para democracia, exigiu reformas educacionais.”* (BARBOSA, 1991, p.13)

Barbosa (1991) comenta que, nas décadas de 50 e 60, surgiu no Brasil, influenciado por Dewey e outros educadores, o movimento Escola Nova, na tentativa



de transformar o precário sistema de educação na época. Esses, afirmavam a importância da arte na educação para o desenvolvimento da imaginação, intuição e inteligência da criança, direcionando o ensino da arte para a livre-expressão.

Barbosa (1991) destaca que foi durante este período favorável à renovação da educação brasileira que o artista Augusto Rodrigues criou a Escolinha de Arte do Brasil, em 1948, no Estado do Rio de Janeiro.

Augusto Rodrigues diz:

A invenção da Escolinha não foi um ato solitário. Artistas, intelectuais e educadores que se juntaram para sua criação permitiram a descoberta da criança como proponente básico para a compreensão da proposta pedagógica à qual a Escolinha se propunha. Penso que o processo educativo depende desse conhecimento de um sonho e de fazer dele a própria realidade. (Rodrigues apud Zolads, 1988, p.2).

Essa criação se deu pelo fato de não haver aulas de artes nas escolas, logo, os pais das crianças matricularam-nas em outra escola de modo que tivessem contato com as artes. Na Escolinha de Artes de Augusto Rodrigues, as crianças podiam desenhar e pintar livremente. A Escola iniciou a afirmar sua identificação com as ideias de Herbert Read (1982) que desenvolveu a teoria da educação pela arte, cuja base deve residir na liberdade individual e na integração do indivíduo na sociedade, e teve apoio também de outros educadores como Anísio Teixeira.

A partir dos anos 80, foi criado o movimento Arte-Educação, aonde os professores se mobilizaram na tentativa de organizar e conscientizar os profissionais da área de Arte com a finalidade de valorizar a disciplina. Entidades públicas e particulares reuniram-se por todo o País por meio de encontros e eventos com o objetivo de propor novos andamentos à ação educativa em arte.

Somente em 1973 foram criados pelo Governo Federal os cursos universitários para formação dos arte-educadores. O currículo, entretanto, baseava-se na prática em ateliê, seguida de alguma informação teórica sobre arte, principalmente sobre a história da Arte. As disciplinas na área pedagógica limitavam-se a Psicologia, a Didática e à Estrutura e Funcionamento do Ensino, visando uma abordagem relacionada a problemas do ensino da arte ou ao desenvolvimento do aluno por meio da arte, não havendo preocupação com a teoria da arte-educação no currículo. (BARBOSA 1991, p.117)

Segundo os PCNs/Arte (2000), a arte na educação passa a ser vista não só como auto expressão mas também como conhecimento. A criança deve conhecer

nosso passado para entender o presente, fundamentando a proposta de ensino da arte no fazer artístico, na leitura de uma obra de arte e na sua contextualização histórica. Essa proposta foi introduzida no Brasil pela arte-educadora Ana Mae Barbosa. Denominada metodologia triangular, foi sugerida depois pelos Parâmetros Curriculares Nacionais como abordagem triangular (a produção da criança, a fruição das obras e a reflexão).

### 3 ARTE NO ENSINO INFANTIL SEGUNDO A BNCC

Sabemos que na Base Nacional Comum Curricular temos os campos de experiências assegurando os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se. E que a organização curricular está estruturada em cinco campos de experiências, dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, temos: O eu, o outro e o nós, que está totalmente relacionado a como viver em sociedade e como se vê a partir dela.

Corpo, gestos e movimentos, que por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem.

Traços, sons, cores e formas Conviver com os diferentes movimentos artísticos, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Escuta, fala, pensamento e imaginação desde cedo a criança manifesta uma curiosidade nata pela coisas ao seu redor, e com a fala e escuta não seria diferente, quando lemos um conto infantil sem mostrarmos as ilustrações, o cérebro da criança fica focado na história tentando recriá-la em sua cabeça com as devidas imagens; logo podemos observar o quanto se faz importante o pensamento e o poder da imaginação, e quando formos analisar a competência Artes, veremos o quanto esses campos de experiências estão conectados com o ensino-aprendizagem da Artes.

São princípios das competências pessoais e sociais, segundo a BNCC:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade; Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas; Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza; Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BNCC, 2018, p. 11-12).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular, o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte.

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas.

Como competências cognitivas, os estudantes têm que:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas (BNCC, 2018, p. 11).

A prática artística possibilita o compartilhamento de saberes e de produções entre os alunos por meio de exposições, saraus, espetáculos, *performances*, concertos, recitais, intervenções e outras apresentações e eventos artísticos e culturais, na escola ou em outros locais. Os processos de criação precisam ser compreendidos como tão relevantes quanto os eventuais produtos. Além disso, o compartilhamento das ações artísticas produzidas pelos alunos, em diálogo com seus professores, pode acontecer não apenas em eventos específicos, mas ao longo do ano, sendo parte de um trabalho em processo.

De acordo com a BNCC, temos seis dimensões de conhecimentos que caracterizam a experiência artística de forma indissociável e simultânea, dimensões que perpassam os conhecimentos das Artes Visuais, da Dança, da Música e do Teatro e as aprendizagens dos alunos em cada contexto social e cultural. Não se trata de eixos temáticos ou categorias, mas de linhas maleáveis que se enlaçam permitindo a construção da especificidade do conhecimento em Arte na escola. As dimensões são: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição, Reflexão, que se formos analisar a fundo tais dimensões remete desde o pensamento até a ação e pôr fim a contemplação do feito. O

Criador e a Criatura.

Em 1988, com a promulgação da Constituição, inicia-se as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que seria sancionada apenas em 20 de dezembro de 1996. Certos da importância do acesso escolar dos alunos do ensino básico também a área de Arte Essa nova concepção para o ensino da arte é assim explicitada pelos

Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte (2000, p 30):

Com a Lei n.º 9.394/36, Revogam-se as disposições anteriores e Arte é considerada obrigatória na educação básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” ( art. 26, parágrafo 2º).

Em síntese, o componente Arte no Ensino Fundamental articula manifestações culturais de tempos e espaços diversos, incluindo o entorno artístico dos alunos e as produções artísticas e culturais que lhes são contemporâneas. Do ponto de vista histórico, social e político, propicia a eles o entendimento dos costumes e dos valores constituintes das culturas, manifestados em seus processos e produtos artísticos, o que contribui para sua formação integral.

### **3.1 A sala de aula como espaço criativo**

Todos nós já fomos crianças um dia, e na escola tínhamos a oportunidade (ou obrigação) de frequentar as aulas de artes, às vezes espremidas entre uma aula e outra, ou só por passar o tempo até o toque do recreio ou do fim das atividades do dia, mas de certo a arte era vista como um lazer, um descanso, para irmos para as outras aulas ditas mais sérias. De todas as nossas lembranças é possível afirmar que as aulas de artes serviam mesmo era para a diversão, aliviar as tensões provocadas pelos outros professores com suas exigências intermináveis.

É viável falar que desde cedo as escolas usam o esquitejamento mental, onde devemos ser unicamente seres pensantes e críticos, onde as emoções devem ficar para o lado de fora da sala de aula a fim de não atrapalhar do desenvolvimento intelectual, pois as coisas ditas sérias são as maçantes, as mais trabalhosas e de certo modo dolorosas por isso só há espaço para a razão neste momento, o prazer, fica

para depois. Mas será mesmo que no nosso dia a dia, nas nossas obrigações a razão e emoção não podem conviver dialeticamente sobre uma ordem natural?

Pensando nisso, alguns estudiosos propuseram uma educação baseada, fundamentalmente, naquilo que sentimos. Uma educação que partisse da expressão de sentimentos e emoções. Uma educação através da arte. Esta expressão criada por Hebert Read em 1943, se popularizou e chegou até nós e foi simplificada para: *arte-educação*.

O ser criativo é aquele que consegue fazer associações de ideias, derivando daí, diversidade de respostas a uma situação estimuladora. Ana Mae Barbosa acredita que a educação necessita desenvolver na criança este potencial criativo.

Autora afirma:

Não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, de elite ou popular, sem arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da Inteligência sem o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento presentacional que caracterizam a arte. (1991, p.5)

A artista plástica e escritora Fayga Ostrower (1999) dedicou-se a investigar o tema da criatividade, com o foco no ser humano criativo, considerando a criatividade um potencial inerente ao ser humano, e a realização deste potencial uma de suas necessidades

Para Ostrower: (1978, p.5)

“A criatividade é um potencial inerente ao Homem e a realização desse potencial uma de suas necessidades.” Contudo, podemos observar que a educação deve ser baseada na liberdade de expressão, no respeito à diversidade cultural e intelectual de cada indivíduo, acreditando que cada pessoa tem seu potencial criativo e a arte na escola deve ter o papel fundamental no processo de formação e dos seus conteúdos cognitivos, afetivos e perceptivos.”

Essa é também a compreensão de Eisner (1999, p.82) que diz:

Arte é entendida como um terreno permissivo anti um currículo repleto de números e de palavras. É a arte que encoraja a criança a colocar sua visão pessoal e sua assinatura em seus trabalhos. As escolas são dominadas por tarefas curriculares voltadas ao professor e que, frequentemente, oferecem apenas uma solução para os problemas, uma resposta certa para as perguntas. A arte não pode tornar-se algo sem vida, mecânico como tem ocorrido com os que ensinamos, em todos os níveis de educação.

É preciso reconhecer que para uma criança o desenho é como campo imaginário que ela pode desenvolver a imaginação criadora dela, a criança, em certo momento percebe que tudo que foi depositado naquela folha de A4 partiu dela, inventado por ela mesma inaugurando um terreno de criação e imaginação. Diante disso, o professor necessita encorajar a iniciativa da criação de trabalhos por meios próprios, e levar a criança a desenhar por si mesmo, revendo suas ideias e não dá respostas prontas para qualquer indagação, mas sim permitir que a criança navegue por suas próprias imaginações e não levá-los dependentes à um pensamento alheio. É necessário que o professor não acrescente o modum nada do que ela construiu artisticamente uma vez que a criança deve ser a única autora do seu trabalho.

É importante ressaltar também, que, não há motivo para elogiar indiscriminadamente todos os trabalhos artísticos da criança pois dessa forma ela acaba perdendo a confiança no educador uma vez que ela percebe que, um determinado momento, ela não deveria receber tantos elogios, e nesse caso, as críticas também não são construtivas, a criança precisa apenas sentir que o professor entende e valoriza o seu empenho em transmitir suas vivências intermédio da arte.

Segundo Fusari e Ferraz (2001), no ensino de Arte os alunos devem ser guiados a relacionar-se com seus elementos de forma que a Arte interfira em seus pensamentos e hábitos simples, elevando-os a algo criador. Para as autoras, a partir do momento em que os alunos compreendem conceitos estéticos, ocorre uma transformação na capacidade de ver, observar, descobrir e analisar os fatos, com isso surgem novas mentes pensantes, disposta a adentrarem em mundos diferentes do que estão habituados, de enfrentar desafios e posicionar-se com determinação, procurando caminhos que se desloquem a uma conclusão coerente e abrangente.

Esse processo requer uma metodologia que possibilite aos estudantes a aquisição de um saber específico, que os auxilie na descoberta de novos caminhos, bem como na compreensão do mundo em que vivem e suas contradições (FUSARI, FERRAZ, 2001, p. 21)

Na atividade artística não se deve haver a preocupação em avaliar, uma vez que não há medida real que avalia a expressão artística de uma criança, é importante deixar a criança experimentar e cometer erros procure manter uma convivência afetiva com ela mantendo um ambiente informal e agradável durante as atividades artísticas Essas atividades deverão sempre ser recreativas e prazerosas para criança, pois a

perda do lúdico provoca na criança o envelhecimento precoce e a atrofia da espontaneidade, De modo, que a criança tenha oportunidade de se expressar de forma criativa de acordo com as etapas do desenvolvimento infantil correspondente a cada fase. Segundo Piaget (1973, p. 76), *“o desenvolvimento da criança implica numa série de estruturas construídas progressivamente através da contínua”*.

O ato de criar, imaginar, de se expressar, é inerente a todo ser humano, mas pode ser bloqueado e até interrompido se o adulto na ânsia de ver a criança deixar de rabiscar para desenhar formas “bonitas” e “perfeitas”, e age de maneira inadequada cobrando perfeição em suas atividades artísticas iniciando um processo de travamento na criatividade. Principalmente aquelas atividades em que o desenho já vem pronto na folha e o que resta é criança é só colorir agindo assim, nós, professores, estamos desrespeitando tanto a personalidade, inteligência e sensibilidade da criança. Ninguém daria um desenho pronto para um artista desenhar ou apenas colorir, e por qual motivo se deve fazer isso com criança?

Em seu livro *A criança e a arte*, a autora Aurora Ferreira retrata um acontecimento durante uma atividade artística: “um exemplo de criatividade espontânea da criança aconteceu em escola de educação infantil. Durante uma atividade artística, uma criança pintou um coração verde. A Professora ao olhar o desenho fez o seguinte comentário:” Você já viu um coração verde”? Coração tem que ser vermelho. A criança então respondeu “eu estava pintando o coração da natureza”

A criança demonstrou toda sua criatividade e inventividade uma vez que atividade era sobre a natureza. Podemos então pressupor que a sala de aula deverá ser um ambiente acolhedor e lúdico para que as crianças ali estejam aptas e livres para sentir-se autoras da sua própria história. Há quem diga que uma criança é apenas uma folha em branco ou apenas uma tábua rasa, porém se dermos oportunidades dentro de uma folha de A4 em branco para criança veremos que para ela isso é um mundo e nessa mesma folha estará escrito ou desenhado toda sua cultura e a sua história até então. Onde entra a sala de aula nesse mundo da arte?

O espaço deve ser educador e o ambiente que criamos no espaço também. Porém como está esse lugar? Está com plantas? Com os trabalhos das próprias crianças? Como são as cadeiras e como estão organizadas? Quando vemos o espaço da Educação Infantil temos vontade de participar e de interagir com os materiais? Ou



será que esse espaço é apenas um local onde se senta e presta atenção no professor sem nada que influencia a criatividade da criança? Como vimos, tudo tem uma finalidade, e falando em sala de aula, o espaço tem sim uma intenção. Ela orienta a ação. Ao entrar no seu espaço bagunçado, ele nos convida de determinada maneira, se entrarmos em um lugar cuidadoso e preparado ele nos convida de outro jeito. É preciso que as crianças desfrutem dos espaços da escola sem muitas restrições, porém, de maneira respeitosa.

Podemos então afirmar que é preciso pensar nos espaços e ambientes na escola para que propicie encontros, pesquisas e criação, o ambiente se faz preocupação e pelo sentido que criamos um espaço, a maneira como os materiais estão dispostos, o tempo que ali passamos, as pessoas que o frequentam. O ambiente nos desperta para ação e organiza nosso deslocamento.

De acordo com a artista plástica Paulina Rabinovich (2009), o espaço-oficina deve ser acolhedor e trazer segurança para que a criança possa se envolver, se expressar e se liberar com toda a sua intensidade. À medida que ela vai se relacionando com o espaço, vai se integrando, se soltando, ficando mais espontânea, flexível, ágil e alegre. Sua capacidade de criar e de brincar acontece sem ter que responder as fórmulas pré-estabelecidas, modelos, estereótipos e expectativas do meio, podendo assim desenvolver seu próprio ritmo e características pessoais.

A professora Márcia Sebastião trouxe um questionamento a respeito de eventos nas escolas, quando os trabalhos dos alunos são expostos. Qual a importância das exposições de trabalhos de artes feitos pelas crianças para posterior apreciação da comunidade, creche ou escola? Há escolas que não têm o hábito ou interesse de expor obras das crianças ao longo do ano, contando assim o percurso de um grupo, mas fazem mostras, chamadas culturais, uma vez no ano, ou em um único dia. Ornar a escola constantemente com as produções das crianças é mostrar a vida da escola, dessa forma, professores compartilham com a comunidade escolar o que está acontecendo com seu grupo, e é interessante ter um evento de vez em quando com a participação dos pais e da comunidade, e uma exposição pode ser um bom momento de encontro entre as pessoas, onde vemos e conversamos sobre os trabalhos e aprendizados das crianças. Uma exposição pode ser uma celebração!

## 4 A PROPOSTA TRIANGULAR

Adentrando agora na proposta do projeto, vamos retratar a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, baseada no Ensino da Arte.

Tal proposta surgiu a respeito de uma preocupação e de um certo questionamento a respeito no ensino de artes pelos professores ligados à disciplina, pois nos meados dos anos 70 a arte estava centrada apenas no fazer das diversas linguagens tais como o teatro, a dança, música e artes plásticas, ainda sofrendo influências da Escolinha de Arte no Brasil, de Augusto Rodrigues. Foi nessa conjuntura que surgiu a proposta por meio dos profissionais a iniciar uma maneira de discussão e pesquisa que conduzisse um ensino para a parte de apreciação também. Para Barbosa (2002, p. 34-35):

A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca. [...] Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas, estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, prepará-la-emos para aprender a gramática da imagem em movimento.

No ensino, a preocupação do alfabetizar por muitas vezes está associada apenas a linguagem escrita, mas de fato esquecemos por vezes de alfabetizar e educar o nosso olhar e aprender a gramática da imagem em movimento ou apenas na contemplação.

A proposta triangular de Ana Mae Barbosa foi empregada nos anos 80, quando a autora esteve na direção do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, essa proposta está fundamentada em abordagens epistemológicas como: Escuelas al Aire Libre, Mexico; Critical Studeis, da Inglaterra; e Discipline Based Art Education (DBAE), dos Estados Unidos.

Para Barbosa (1991, p. 10),

[...] na escola a Arte pretende, sobretudo, “[...] formar conhecedor, fruidor e decodificador da obra de arte [...]. A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos Estudantes de nossa nação [...].

Ainda para a autora:

[...] do Ensino das Artes corresponde às quatro mais importantes coisas que as pessoas fazem com a arte. Elas a produzem, elas a veem, elas procuram

entender seu lugar na cultura através do tempo, elas fazem julgamentos de sua qualidade (BARBOSA,1991, p. 36-37).

Buscando a possibilidade de que o educando possa ler o mundo de forma mais ampla e acessível, Barbosa entende que o ensino da arte funciona de uma forma contextualizada entre a Arte e a Cultura; e entende a articulação dos três eixos da Proposta Triangular: Fruir Arte, Contextualizar Arte e Produzir Arte. E, desse modo, a proposta indica uma junção da crítica e da estética que a própria autora chamou de apreciação ou leitura de imagem; O fazer artístico ou produção artística; e a história da Arte ou reflexão da produção artística.

Na imagem abaixo podemos ver a ilustração desses três eixos:

*Figura 11 Triângulo caracterização a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa*



Fonte: Barbosa (1991, p. 38)

Este triângulo pode aparentar ser uma simples figura, porém, é considerado uma referência no quesito ensino-aprendizagem, ele vem ajudando na prática pedagógica de arte nas escolas brasileiras. Destacando esses eixos, primeiro temos a leitura de imagem ou fruição da arte, do qual, se baseia nas distintas possibilidades que o educando pode entrar em contato com a arte por diferentes meios de ver e interpretar as obras, podendo assim acontecer o despertar da capacidade crítica de cada criança.

A leitura da imagem para Pillar (1996), desenvolve os modos de interpretar, visualizar e julgar a qualidade das obras, compreendendo os elementos e as relações que as compõem. Partindo para o segundo elemento que compõe o eixo da Proposta Triangular a contextualização ou a história da Arte, Barbosa (1998) entende como o momento de contextualizar o artista e a obra de arte no tempo. Trata de compreender a obra de arte e o contexto em que foi criada, bem como as ideologias que podem

estar presentes na criação Chegando no último dos três eixos da Proposta Triangular temos o fazer artístico ou produção artística - Barbosa (1998) compreende como o ponto criativo do educando, o momento de representação pessoal de cada um.

O fazer artístico, segundo Plácido. 2007 (p. 40):

Está calcado no processo criativo, encarado como interpretação e representação pessoal. É por meio do fazer artístico que cada aluno descobre as possibilidades e as limitações das linguagens expressivas, de seus diferentes materiais e instrumentos. É ainda a interpretação e representação a partir daquilo que foi visto, pensado, analisado, conhecido. Ao mesmo tempo em que estimula a pensar sobre a criação visual, a produção associada às imagens pode colaborar para a construção de formas de maior força expressiva.

Logo, para que isso ocorra, a arte deve ser compreendida como criação agregada de Cultura e ideologias políticas, econômicas e sociais, será fundamental que o professor seja o mediador em sala de aula, para que ocorra a possibilidade de reflexões acerca do contexto e do mundo onde o educando está inserido. Portanto, em sala de aula, a autora afirma que não seria mais correto o uso Metodologia Triangular partindo do pressuposto que cada professor tem a sua criação e construção metodológica, logo; ela compreende que o termo Proposta Triangular seria mais correto baseado no dia a dia de cada profissional.

E compreendendo tais circunstâncias que convivemos no dia a dia no chão da sala de aula, é imprescindível o conhecimento da Arte do País, pois, seria o conhecer do desenvolvimento histórico e social e desse modo conheceremos nossas raízes e compreenderemos melhor a nossa história; trazendo, desse modo, um significado para cada ação proposta no ensino de Artes.

Assim, torna-se relevante perceber que:

Abordagem Triangular não serve para quem quer um manual, nem tem caráter prescritivo. Requer o espírito livre, a disciplina investigativa e a disposição corajosa para perceber o que se anuncia ao longo dos passos no caminho [...] (MACHADO, 2010, p. 79).

A Abordagem Triangular possibilita diversos caminhos dentro das esferas que envolvem o fazer, ler e contextualizar. A imagem do Triângulo permite ao professor escolher em qual das pontas começar a iniciar o seu trabalho, por isso é uma

abordagem dialógica, porém, não devemos esquecer que cada ponta se conecta com uma finalidade maior.

O ensino básico das artes possibilita a percepção crítica, e assim, interpretativa que procura e além das influências que estas podem e buscam exercer sobre nós. Assim, a Abordagem Triangular propõe que as possibilidades de construção do conhecimento da Educação Básica não são alcançadas por meio de imposição, mas através do diálogo contextual e experiências pautadas na singularidade e individualidade de cada criança.

Se não sabemos ver, é certamente porque a visibilidade não depende do objeto apenas, nem do sujeito que vê, mas também do trabalho de reflexão: cada visível guarda uma dobra invisível que é preciso desvendar a cada movimento (NOVAIS, 2005, p. 11).

Para a educadora, aprender por meio da arte faz parte de uma educação integral, inclusive porque ajuda a desenvolver outras áreas do conhecimento, uma vez que os estudantes precisam mobilizar diversas habilidades, como a capacidade de interpretação, criatividade, imaginação, e os aspectos afetivos e emocionais, além da própria inteligência racional e das habilidades motoras.

#### **4.1 A influência de Paulo Freire nos estudos de Ana Mae**

Em quase todas suas entrevistas, Ana Mae Barbosa relata que não tinha por objetivo ser professora, porém, para as mulheres dos anos 50 no Brasil, não tinha outra opção; foi durante um curso preparatório que conheceu e foi aluna de Paulo Freire. De fato, esse encontro mudou sua perspectiva e podemos dizer, sua vida. O Patrono mostrou e a convenceu de como a educação pode (e deve) ser libertadora. É sabido que este encontro mudou também a história da arte-educação no Brasil.

Nenhuma pedagogia que seja verdadeiramente libertadora pode permanecer distante do oprimido, tratando-os como infelizes e apresentando-os aos seus modelos de emulação entre os opressores. Os oprimidos devem ser o seu próprio exemplo na luta pela sua redenção (FREIRE, 1987).

Ana Mae Tavares Bastos Barbosa cursava Direito na Universidade Federal de Pernambuco em 1960, e para conseguir custear os gastos durante este processo, pretendeu prestar um concurso de professora primária, logo buscou um cursinho para tal. O professor de português era Paulo Freire, foi aí que suas vidas se cruzaram; em

sua primeira aula ele pede para que os alunos escrevam o motivo que os levaram a querer ser professor, enquanto outros alunos escreveram textos bem elaborados, Ana, foi bem clara quando escreveu que não queria, mas estava sendo obrigada.

Paulo Freire na sua sublime humanidade a chamou para uma conversa quando mudou sua concepção e a deixou encantada com o poder da educação. Foi neste curso que ela teve o primeiro contato com a arte-educação. E, assim, que a amizade entre Ana Mae com Paulo Freire começou...

Além de ser sua aluna em um cursinho, ele também participou da banca de livre-docência de Ana onde à deu nota 10,0, em 1991. No doutorado, Paulo a aconselhou a ir para a universidade de Boston, por ter uma educação mais libertadora, sendo a primeira universidade da América a aceitar negros, e dentre deles estava Martin Luther King. Ana Mae foi a primeira brasileira com doutorado em Arte-educação, defendido em 1977, na Universidade de Boston pelo departamento de Educação Humanística (*Humanistic Education*).

Uma interação bastante importante foi quando ela se tornou professora na Escolinha de Artes no Recife (EAR), o movimento foi liderado pela educadora Noêmia Varela, ligada ao também educador Paulo Freire, e teve o apoio do artista plástico Augusto Rodrigues (criador da primeira Escolinha de Arte do Brasil, fundada no Rio de Janeiro em 1948 e, atualmente, desativada). A Escolinha de Arte do Recife (EAR) surge no Movimento Escolinhas de Arte (MEA), iniciado nos anos 1940. O movimento teve por objetivo a pesquisa de novos parâmetros para a arte-educação, fundamentados na liberdade de expressão.

Figura 12 Escolinha de Artes do Recife



Fonte: <https://pt.foursquare.com/v/escolinha-de-arte-do-recife/4e12025e18a84f0f0318e8c1>

Ana e Paulo também trabalharam juntos na Semana de Arte e Ensino, realizada no Departamento de Artes Plásticas (CAP) em 1980.

Figura 13 Paulo Freire participa da Semana de Arte e Ensino, realizada no Departamento de Artes Plásticas (CAP) em 1980. Ao seu lado, a professora Ana Mae Barbosa.



Fonte: <https://www.eca.usp.br/noticias/cap/ocupacao-paulo-freire-por-ana-mae-barbosa>

Ana Mae ressalta que apesar de tanto carinho e gratidão, cometeu um erro ao não mencionar o nome do seu amigo Paulo Freire nas suas abordagens, com receio das pessoas pensarem que estava usurpando da amizade dele para chegar aonde ela queria. Freire em torno da prática educativa, destaca-se a abordagem da educação como atividade ética e estética. Na perspectiva pedagógica Freiriana, a educação é arte e a esteticidade constitui dimensão fundamental do fazer educativo:

Eu diria também que uma das notas centrais de uma prática educativa, principalmente nesses tempos atuais de avanços tecnológicos em que você pode virar tecnicista, é você viver intensamente a esteticidade da educação. Sou tão exigente com isso que nem sequer uso a expressão que deu título ao famoso livro de Herbert Read «A educação pela arte», nos anos 1950.2 A educação é já essa arte, apesar de se poder fazer pela arte também. Ela é em si uma proposta artística, ela já tem arte. (FREIRE, 201, p. 361).

Por vezes o autor retrata a “boniteza” da educação como uma atividade estética. A ideia de beleza no pensamento freiriano vai aparecer em várias passagens na Pedagogia da autonomia:

O pensar certo, ao lado sempre da pureza e necessariamente distante do puritanismo, rigorosamente ético e gerador de beleza (...) O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das belezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. (Freire, 1996: 31)

Em entrevista, Freire preocupa-se em explicitar seu pensamento sobre o lugar da arte na escola, para além de um entendimento focado na questão do ensino das artes ou da educação artística propriamente dita:

Na medida que a prática escolar considerar a expressão artística como algo substantivo, como algo tão necessário quanto saber matemática, para a vida; no momento em que a escola testemunha isso ao aluno, no momento em que respeita a expressividade criadora do aluno, em que a escola respeita as práticas fazedoras de beleza dos meninos e das meninas. (FREIRE, 1990, s/n).

A Arte/Educação vem dar destaque a práticas educativas que exploram a possibilidade de revelar e (re)criar mundos: no diálogo do sujeito criador com a sua obra (inclusive a própria vida, tomada como obra de arte), pensar/refletir, interpretar/contextualizar, fazer associações, traduzir o indizível em formas visíveis. As formas simbólicas mostram o quanto a vida interior é única, rica em significados e o quanto temos para contar/narrar e compartilhar. Trata-se, pois, como o faz Paulo Freire, de pensar a educação como arte, como atividade estética, como um fazer criativo: capaz de manifestar uma originalidade única, capaz de refletir poeticamente o estar no mundo. A arte propicia que o indivíduo entre verdadeiramente em relação, estimulando o movimento e a mudança: busca e possibilidade de encontro, integração, plenitude.

*Figura 14 Paulo Freire (à esquerda) e Ana Mae Barbosa (à direita).*



Fonte: Escola de Gestão Socioeducativa



## 5 METODOLOGIA

Para interligar uma pesquisa e a busca por resultados que tenham suas práticas arraigadas nas teorias e, de certo modo, que se encaixe nas expectativas dos objetivos aqui descritos no trabalho, se faz necessário que se forme um acordo com uma base teórica já estudada e divulgada que se estabeleça com o tema da pesquisa. Além de servir como base para o desenvolvimento do trabalho, ela esclarece para os leitores muitas abordagens que facilitarão o entendimento da pesquisa. Logo, podemos compreender que:

“ler significa conhecer, interpretar, decifrar. A maior parte dos conhecimentos é obtida através da leitura, que possibilita não só a ampliação, como também o aprofundamento do saber em determinado campo cultural ou científico.” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 14).

A realização deste trabalho apresenta um caráter bibliográfico, visto que busca embasamento em bibliografias acerca do tema escolhido, ou seja, o fazer, o fruir e contextualizar na prática, um estudo de caso baseado na proposta triangular. Uma pesquisa bibliográfica segundo Gil (2002) é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Logo, a pesquisa qualitativa, de acordo com Denzin e Lincoln (2006) tem uma abordagem explicativa do mundo, ou seja, os exploradores estudam as coisas e seus aspectos naturais, com a intenção de entender os fatos, modos e significados dados a eles. Logo essa pesquisa se baseia sobretudo em análises qualitativas, por ter como desígnio oferecer ao leitor amostras de fatos à sua experiência (STAKE, 2011). Segundo Robert K. Yin (2001), cientista social americano e presidente da *COSMOS Corporation*, conhecido por seu trabalho em pesquisa de estudo de caso, afirma que o objetivo final é tratar as evidências de maneira justa, produzindo conclusões analíticas irrefutáveis eliminando interpretações alternativas, para isso é importante que se tenha antes uma estratégia analítica geral.

Manipulações preliminares dos dados representam uma forma de evitar que o resultado das investigações permaneça estancado. As manipulações devem ser realizadas com extremo cuidado para evitar resultados tendenciosos.

Desse modo, o propósito da pesquisa foi compreender como se deu o ensino-aprendizagem da Arte no Brasil e como vem se desenvolvendo nos dias atuais, tendo

como percussora Ana Mae Barbosa, não esquecendo da influência de Paulo Freire em seus estudos e compreender como a BNCC inclui a Arte em seu currículo.

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...] (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 183).

Para Yin (2001) quando existem acontecimentos contemporâneos que não possibilitam manipular comportamentos relevantes, ou seja, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco está contido em fenômenos contemporâneos, inserido na vida real e se colocam questões do tipo “como” e “por que”, o estudo de caso é a estratégia preferida.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo faremos o relato da utilização da proposta e da experiência de intervenção bem como apresentaremos os resultados da pesquisa e realizaremos uma discussão acerca dos mesmos.

### 6.1 O Relato da Aplicação da Abordagem de Ana Mae Barbosa

Para corroborar com o tema do trabalho proposto o fazer, o fruir e contextualizar na prática, um estudo de caso baseado na proposta triangular”, foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Joselita Brasileiro, localizada na Vila Cabral em Campina Grande – PB s/n. no período de 24 de novembro de 2022. Através de uma aula ministrada na sala do 2º ano com cerca de 20 crianças que moram nas redondezas da escola. Durante meu estágio de regência, com bases na teoria de Ana Mae. Por meio de recursos tais como notebook e *datashow*, realizamos na sala de aula uma manhã voltada para o ensino de artes focado na abordagem triangular com as crianças. No dia tivemos três momentos de imersão em cada tópico preparado. Trabalhamos com algumas obras do artista Romero Britto (1963), dada sua irreverência nos traços, formas, cores e atualidade, de modo que seria mais atrativo para crianças na faixa etária de 7 anos.

#### Primeiro Momento

Nesta primeira etapa lhes foram mostrados uma foto do artista Romero Britto, sem contexto prévio algum. A reação foi quase unânime: Gargalhadas.

Perguntei o motivo para tal ato e a resposta foi:

Criança 1: *Ele parece um doido tia!*

Criança 2: *Ele é engraçado!*

Criança 3: *Ele não parece um artista!*

Após as especulações, mediei a observação para além da figura dele em primeiro plano, na foto mostrada tinham algumas de suas obras no plano posterior, e fizemos alguns questionamentos para os mesmos:

- Observando agora as obras de artes por trás dele, vocês já tiveram a oportunidade de conhecer alguma de suas obras ou algo semelhante em algum lugar?

Três crianças apenas responderam:

Criança A: *Já vi no celular.*

Criança B: *Já vi na internet.*

Criança C: *Já vi um grafite numa pista de skate.*

Neste ponto, podemos analisar a importância do acesso às mídias audiovisuais, pois como nem sempre é possível levar as crianças para um teatro ou para um museu, através dos aparelhos digitais e de suas tecnologias, existe a possibilidade de fornecer o acesso à cultura dentro de uma sala de aula. Não podemos recriminar o uso das tecnologias de informação para as crianças, tendo em vista o mundo globalizado e conectado que vivemos nos dias atuais, onde informações são repassadas de continente a outro em segundos. Logo, por qual razão quando se trata de crianças temos que isolá-las desta teia que tudo conecta? A criança é o futuro, então nada mais correto que haja também uma educação voltada para as possibilidades de viajar pelo mundo e conhecer cada pedaço de terra na palma de sua mão, desse modo, a densidade cultural que essas crianças poderiam ter seria gigante, e a necessidade de almejar viver tudo aquilo que se aprenderia, tornaria uma educação para além de meros sonhos, teríamos uma educação com propósitos.

“O processo de alfabetização válido entre nós é aquele, que (...) não se satisfaz apenas (...) com a leitura da palavra, mas que se dedica também a estabelecer uma relação dialética entre a leitura da palavra e a leitura do mundo, a leitura da realidade”. — Freire. *Pedagogia dos sonhos possíveis*, 2001.

A terceira resposta foi bastante pertinente tendo em vista que algumas de suas obras partem da inspiração do grafite de rua. Mencionamos tal relato em sala, e a criança que respondeu ficou bastante orgulhosa, poderíamos dizer que ele se sentiu pertencente à obra. Segue a foto abordada em sala:

*Figura 15 Arista Romero Britto*



Fonte: <https://cartanaescola.com.br/biografia-de-romero-britto/>

## Segundo Momento

Após este primeiro contato de algumas crianças com o artista, partimos para o princípio da leitura de imagem/apreciação/fruição, como menciona Ana Mae apreciamos as obras de nomes: O Peixe, O Urso e Corações. O primeiro contato ocorreu por meio da leitura interpretativa, um olhar sem compromisso, sem buscar o significado; ocorreu o olhar da contemplação.

Se não sabemos ver, é certamente porque a visibilidade não depende do objeto apenas, nem do sujeito que vê, mas também do trabalho de reflexão: cada visível guarda uma dobra invisível que é preciso desvendar a cada movimento (Novaes, 2005:11).

Segue as obras apresentadas respectivamente:

Figura 16 O Peixe (esquerda), O Urso (centro) e Corações (direita)



Fonte: <https://www.culturagenial.com/obras-famosas-romero-britto/>

Após a apreciação das obras fiz determinadas perguntas para a sala no geral:

- *O que mais lhe chamou a atenção nas pinturas?*
- *Quais elementos podemos destacar nelas?*
- *As obras do pintor lhe causam quais sentimentos?*

A intenção de utilizar esses questionamentos, foi de tentar descobrir o conhecimento prévio das crianças a cerca da finalidade de cada obra. E para que elas respondam essas indagações iniciais, reservamos um período de tempo compreendido entre dez e quinze minutos.

As respostas respectivamente foram:

Crianças D, E, F, G: *“não sei.”, “as cores”, “o desenho”, “os corações”*

Crianças H, I: *“o peixe sorrindo”, “os corações no ursinho.”*

Na pergunta final todas responderam que causavam “alegria”.

Seguindo com essas respostas, incitamos para olharem mais atentos para as obras, pois tínhamos diversos tipos de cores, formas geométricas, e focando mais adentro na última arte, indaguei se ali constava apenas corações ou tínhamos algum elemento que representasse um período do dia. Posteriormente, uma criança rapidamente se levantou da cadeira e compreendeu o sentido da obra:

Criança J: - “*Eu vi tia! É o nascer do sol! E têm montanhas!*”

A criança J então entendeu que os triângulos e os corações representavam na obra os raios de sol, e apontou para o pequeno círculo saindo das montanhas. De acordo com Vygotsky, Mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento (OLIVEIRA, 2002, p. 26)

Acrescenta, além disso, que:

O processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível as atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo (Idem, p. 33).

*Figura 17 Criança respondendo aos questionamentos*



Fonte: Arquivo pessoal.

Logo após alguns minutos, partimos para a contextualização/ reflexão/história da arte, neste segundo momento foi aprofundado para as crianças a história do artista, quem era ele, de onde veio e qual o sentido de suas obras; seguidamente, contextualizamos as pinturas que foram escolhidas no dia para a realização da

releitura e o significado de cada uma delas. “O gato” tem por interpretação, segundo o autor, aconchego. Ele é uma de suas obras mais famosas, com o colorido típico do artista, e suas formas geométricas que faz alusão ao cubismo, o Gato por se tratar de uma pintura de animal doméstico, reflete em nós a sensação de aconchego, despertando nossa memória afetiva.

Já a “Borboleta”, representa a liberdade e a possibilidade de alcançar voos e ser adaptável às mudanças. A “flor”, com suas seis pétalas remete a sensação de equilíbrio. Passada esta etapa foi possível observar que o olhar já não se satisfazia apenas com as cores e formas, com aquilo que já estava nítido; da leitura interpretativa partimos então para a leitura formal, por meio da mediação e contextualização racionalizamos o olhar daquelas crianças.

Obras escolhidas para a realização da releitura:

*Figura 18 A Flor (esquerda), A Borboleta (centro) e O Gato (direita)*



Fonte: Fonte: <https://www.culturagenial.com/obras-famosas-romero-britto/>

### **Terceiro momento**

Fomos para a parte final da proposta triangular, o fazer! Para este terceiro momento foi disponibilizado para as crianças telas, pincéis e tintas. A realização para a prática se deu pelo despertar do sentimento que a obra causava em cada um. Separados em quatro grupos de acordo com a figura escolhida, eles realizaram através da apreciação e contextualização suas pinturas artísticas voltadas para a prática da releitura. A intenção da formação de grupos foi para que ocorresse a socialização e cultura de pares.

Por cultura de pares, Corsaro (2009,p. 32) define como “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares”

Foi mencionado que eles poderiam pintar de forma livre, pois o triângulo da abordagem teve seu êxito. Enquanto delimitavam seus traços e escolhiam suas cores, as crianças sempre buscavam na obra do artista a inspiração para a sua própria arte.

Logo, podemos concluir que a finalidade da aula sobre releitura com base na teoria de Ana Mae foi bem sucedida, pois a partir da assimilação das crianças cada obra teve a sua sensibilidade e interpretação.

O meio dita a forma de comunicação e de interação entre o ensino e a aprendizagem, conforme Vygotsky (1998, p. 73) assim esclarece:

[...] O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar a lógica superior, ou comportamento superior com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica.

Após a finalização de toda a turma com a atividade de pintura e leitura e releitura de imagem, os meninos e meninas foram chamados de forma individualizada para nos apresentar a sua obra e relatar o motivo de ter escolhido determinada tela e qual sentimento eles sentiam ao olhar sua própria arte. O motivo: *ser mais fácil ou a que mais se identificaram* e relataram tais sentimentos: *orgulho, alegria, amor, vergonha, felicidade e carinho*. A criança que relatou o sentimento de vergonha se deu por não achar sua obra bonita e chorou dentro da sala:

- *“Tia, eu misturei todas as cores mas no final só ficou um borrão roxo, a minha tá a mais feia.”*

Prontamente com a ajuda dos outros colegas mostramos a ele que a sua tela estava sim muito bonita e que tinha uns potinhos de cores além do roxo, que foi o questionamento dele. Em seguida perguntei se ele gostaria de ir ao sanitário para que pudesse ter um momento à só e tentar compreender sua introspecção, recuperando seu estado emocional e por conseqüente conseguirmos juntos dá continuidade as atividades. Vale ressaltar que uma tela ficou disponível, logo, direcionei a professora da turma para que ela participasse deste momento conosco, ela se direcionou para a última cadeira da sala e prontamente escolheu sua obra e iniciou o seu fazer. Ela sendo a última a finalizar sua pintura deu sua conclusão a respeito da obra escolhida:

Lilian: *“Bom turma, eu escolhi a borboleta pelo que ela representa. Vimos que a borboleta representa a liberdade de voar. Enquanto fazia o meu desenho e pintura, apesar do barulho em sala, eu senti paz.”*

Cada texto, (considerando um determinado coletivo), pressupõe um sistema de signos ou uma linguagem geralmente compreendidos, uma de modo geral. Em cada texto, há um sistema de linguagem. Tudo no texto que é repetido ou



reproduzido, tudo que é reproduzível, tudo que pode ser dado fora de um determinado texto (o dado) está em conformidade com esse sistema de linguagem. No entanto, ao mesmo tempo, cada texto é individual, único e não repetível, e aqui reside sua inteira significação (seu plano, o propósito, para o qual ele foi criado) (Wetsch, p. 124-125).

Com a finalização das atividades proposta em sala, algumas crianças levaram seus quadros para casa e outras me presentearam como uma forma de lembrar-me delas. A professora Lilian me deu de presente também a sua tela, com todo o simbolismo que a Borboleta de Romero Britto, feito por meio de releitura da mesma, me deu um abraço com os olhos marejados e agradeceu por este momento. Por fim, a conclusão do estudo prático feito em sala nos trouxe momentos de euforia, de gratidão, de recordação, de amor, de embaraço, mas também de plenitude. Com a proposta da Abordagem Triangular, podemos destacar o êxito na atividade realizada em sala de aula, todas as crianças participaram, se empenharam e praticamos juntos os três pilares da proposta. Percebemos como o fruir e o contextualizar muda complementemente a prática do fazer. A arte teve sua finalidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de conclusão de curso aqui apresentado foi construído em seis capítulos. No primeiro, realizamos a introdução do surgimento das primeiras artes conhecidas no mundo, bem como as primeiras expressões artísticas rupestres, manuseio de materiais, o conceito das artes em determinadas culturas, transitando por obras clássicas de artistas de renome e analisamos também movimentos de cunho artísticos/políticos/sociais.

Transpassando para como se deu a chegada da arte no Brasil com a vinda dos colonos, sejam eles portugueses ou holandeses, vemos que a aculturação acontecia como forma de admiração pela nobreza europeia. A arte era uma modalidade que servia apenas aos ricos, logo, as crianças que serviam a classe do proletariado não tinham aulas de artes em escolas de forma livre e espontânea. Foi por causa disso que Augusto Rodrigues criou as Escolinhas de Artes (EA) para que a expressividade e autonomia acontecesse. No segundo capítulo compreendemos a arte segundo educação, de acordo com as normas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) seus princípios e competências e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) que de acordo com a Lei n.º 9.394/36 tornou o ensino da arte obrigatória na educação básica. Neste mesmo capítulo constatamos a sala de aula como um espaço criativo, local este que deve ser de acolhimento e com base nos estudos de Ana Mae Barbosa deve ser um ambiente de necessário para que a criança possa desenvolver seu potencial criativo, pois o ambiente é tido como algo que educa a criança, se tornando um elemento que anda em conjunto com os professores

Partindo para o terceiro capítulo teremos o foco central desde trabalho a Abordagem Triangular, proposta esta que ressalta importância da independência da criança, também a preocupação de como ocorria o ensino-aprendizagem do fazer artístico nas escolas. Para a educadora mais do que pintar era e é necessário a interpretação, a contextualização e o fazer. Com a influência de Paulo Freire por meios dos seus estudos na Pedagogia, podemos vê como a sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), ele ressalta como os professores devem ensinar e estimular os seus alunos, e para nós pedagogos isso se torna imprescindível ao trabalhar com crianças, pois nosso papel como educadores está na provocação de oportunidades

das descobertas. No quarto capítulo apresentamos a metodologia, que adotamos para a realização do nosso trabalho e mencionamos sobre os aspectos relevantes para a construção do tema proposto.

Dirigindo-se para o quinto capítulo teremos as discussões e resultados de um estudo prático a partir da teoria abordada e uma breve discussão acerca dos mesmos. Por fim, neste sexto capítulo estamos realizando nossas considerações finais. Durante a realização da pesquisa, verificamos que como colocado por Ana Mae, o ensino-aprendizagem da arte não deveria ser feita de forma aleatória, sem sentido e sem contexto, apenas como um passatempo até findar o horário da aula, ou como forma de deixarem as crianças fazendo alguma coisa por não ter tido um planejamento para determinado tema.

A Proposta Triangular surgiu justamente pela preocupação de como eram feitas as aulas de artes e em qual momento do currículo lhe era colocada. Além de alfabetizar a linguagem oral e escrita por vezes esquecemos de alfabetizar e educar o nosso olhar, deste modo, a educadora enfatiza a busca da possibilidade de que o educando possa ler o mundo de forma mais ampla e acessível; Barbosa entende que o ensino da arte funciona de uma forma contextualizada entre a Arte e a Cultura; e entende a articulação dos três eixos da Proposta Triangular: Fuir Arte, Contextualizar Arte e Produzir Arte.

Logo, para que isso ocorra, a arte deve ser compreendida como criação agregada de Cultura e ideologias políticas, econômicas e sociais, e seria fundamental que o professor seja um mediador possibilitando em sala de aula, as reflexões acerca do contexto e do mundo onde o educando está inserido.

## REFERÊNCIAS

(Paulo Freire: **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.)

115-126

2009.

3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999

**Abordagem Triangular**. In: BARBOSA, Ana Mae Barbosa; CUNHA, Fernanda (Org.). *Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez Editora, 2010. p 64-79.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves. **Sobre Augusto Rodrigues e o movimento escolinhas de arte**. Brasília: Ministério da Cultura [2005]. Disponível em Acesso em: nov. 2022.

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.

BARBOSA, A. M. **As Escuelas de Pintura al Aire Libre do México: liberdade, forma e cultura**, In: PILLAR, A. D. *A educação do olhar no ensino de artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 101-117.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **História da arte-educação**. São Paulo: Max Limonad, 1986

BARBOSA, Ana Mae. **Recorte e colagem: influências de Jonh Dewey no ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.

DEWEY, J. **A arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**. Tradução de Luís Carlos Borges.

FERREIRA, R. M. R. A. **Da arte e sua utilidade**. Revista Pandora Brasil, n. 34, p. 60-67, set. 2011

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 02 de novembro de 2022

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>. Acesso em 03 de nov. 2022

[http://diaadiadaeducacao.blogspot.com/2015/02/ensino-da-arte-como apreciar-uma-obra.html](http://diaadiadaeducacao.blogspot.com/2015/02/ensino-da-arte-como-apreciar-uma-obra.html). Acesso em 23 de nov. de 2022

<https://www.culturagenial.com/obras-famosas-romero-britto/>. Acesso em 22 de nov. 2022

[https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol\\_69\\_1595875322.pdf](https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_69_1595875322.pdf)

JANSON, H. W.; JANSON, A. E. **Iniciação à história da arte**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MACHADO, Regina. **Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da** Maria Manuela Tavares Ribeiro, «Louise Weiss», *Cultura*, Vol. 22 | 2006, MEC – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Augusto Rodrigues (Coord.). Escolinha de Arte do Brasil. Brasília, 1980

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes. **Dimensão estratégica da comunicação no contexto organizacional contemporâneo: um paradigma de interação comunicacional dialógica**. Tese (Doutorado) – UFRJ, Escola de Comunicação, 200

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico** 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

OSTROWER; Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 2ª ED. Petrópolis: Vozes, 1978

PEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA 2, Revista da Segmento São Paulo, out.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PLACIDO, Reginaldo L.; SCHONS, Manuir; SOUZA, Maria José C. de. **Utilização das estratégias de ensino-aprendizagem na educação profissional e tecnológica**. *Revista Dynamis*, Blumenau: Editora FURB, v. 23, n. 1, p. 40-57, 2017.

PROENÇA, G. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2009.

VARELA, Noemia de Araújo. **A formação do arte-educador no Brasil**.

ZINCHENKO, V. P. (1998). **A psicologia histórico-cultural e a teoria psicológica da atividade: retrospectos e prospectos**. In: WERTSCH, James; DEL RÍO, Pablo; ALVAREZ, Amélia. Estudos socioculturais da mente. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZOLADZ, Rosza. **O Sonho que fez florescer realidades**. Fazendo Artes, Ministério da Cultura, Fundação Nacional de Arte, Rio de Janeiro, n. 12, p. 2-7. 1988.

## APÊNDICES

Fotos do estudo de caso, realizado na Escola Municipal Joselita Brasileiro, na turma do 2º ano do Ensino Fundamental, no ano de 2022.

Momento do Apreciar e Contextualizar



Fonte: Autoria própria



Fonte: Autoria própria



Fonte: Autoria própria



Fonte: Autoria própria



Momento do fazer.



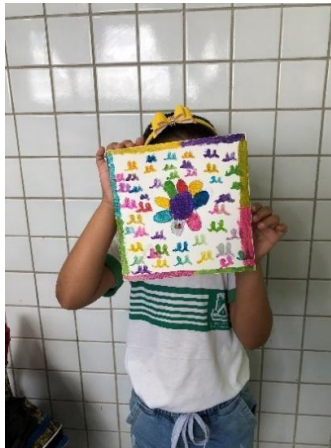
Fonte: Autoria própria



Fonte: Autoria própria



Apresentação de algumas obras produzidas pelas crianças.



Fonte: Autoria própria